

Organização – Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real (Município de Vila Real), Museu de Olaria (Município de Barcelos) e Museu de Alberto Sampaio (Instituto dos Museus e da Conservação)

Apoio – Instituto dos Museus e da Conservação – Rede Portuguesa de Museus – ProMuseus

OLARIA DE BISALHÃES

® MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

«A olaria [de Trás-os-Montes], arte incomparável, dotada de memória admirável, que mantém sem estampas, sem guia, vivendo ao desamparo, com uma simples iniciação patriarcal na família, as mais puras tradições de uma arte ancestral que enfeitiça e seduz o crítico mais exigente».

Joaquim de Vasconcelos, 1906

Ficha Técnica Imprint

Título | Title

Olaria de Bisalhães: restos de barro preto

Pottery of Bisalhães: black clay pieces

Organização | Organization

Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real (Município de Vila Real);

Museu de Olaria (Município de Barcelos);

Museu de Alberto Sampaio (Instituto dos Museus e da Conservação)

Comissários | Curators

Isabel Maria Fernandes (Museu de Alberto Sampaio);

João Ribeiro da Silva (Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real);

Maria Cláudia Milhazes (Museu de Olaria)

Textos | Texts

Isabel Maria Fernandes

Colaboração técnica | Technical collaboration

Patrícia Mascoso, (Museu de Olaria);

Raquel Carvalho, (Museu de Olaria)

Fotografia | Photography

Manuel Correia;

Arquivo da Foto Maris;

José Macário (Jotaemia);

José Monteiro (Sinahideol);

Arquivo do Museu de Olaria.

Desenhos | Drawings

Maria do Fátima Soares (Instituto de Arqueologia) (Museu de Olaria);

Raquel Carvalho (mapa), (Museu de Olaria)

Produção de videogramas | Videogram production

Sinalvídeo

Restauro de peças | Restoration of the pieces

Maria de Fátima Cibrão (Museu de Olaria)

Projecto de Museografia | Exhibitions Design

Rita Faria (elasticodeSIGN); Tiago Ribeiro Couto (elasticodeSIGN)

Design Gráfico | Graphic Design

Rita Faria (elasticodeSIGN); Tiago Ribeiro Couto (elasticodeSIGN)

Agradecimentos | Acknowledgements

Entidade e pessoas que emprestaram peças | Entities and people who lent pieces:

Museu de História Natural (Universidade do Porto);

Museu de Olaria (Município de Barcelos);

Ana Maria de Almeida Chaves (Vila Real);

Isabel Maria Fernandes (Guimarães);

Rui Alberto Coelho Meireles Mascoso (Braga)

Locais e datas das Exposições | Places and dates of the Exhibitions

Museu da Vila Velha (2009)

Endereço: Rua de Três-os-Muros, 5050-657, Vila Real

Telefone: 258303320

E-mail: museu@cm-vilareal.pt

Museu de Olaria (2009)

Endereço: Rua Cônego Joaquim Gaiolas, 4750, Barcelos

Telefone: 253824741

E-mail: museuolaria@cm-barcelos.pt

Museu de Alberto Sampaio (2010)

Endereço: Rua Alfredo Guimarães, 4800-407 Guimarães

Telefone: 253423910

E-mail: masampaio@ipmuseus.pt

Apoio | Support

Instituto dos Museus e da Conservação - Rede Portuguesa de Museus - Programa ProMuseus

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

O CENTRO OLÁRICO DE VILA REAL

*Vila Marim das panelas
Quintela dos pucarinhos
Mondrões dos mal-asados
Bisalhães dos bem-feitinhos*

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

A loiça preta que ainda hoje se produz em Bisalhães, lugar da freguesia de Mondrões, em Vila Real, teve as suas origens há muitos séculos atrás, quando as oficinas de oleiros se estendiam por várias freguesias – Parada de Cunhos, Lordelo, Mondrões, Vila Marim – e constituíam um centro produtor de loiça preta de certa importância.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) - 2009.

Vila
Quin
Mon
Bisal

A lo
Bisal
Vila F
atrás.
por vé
Mond
produ

© MANVR (MVF), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



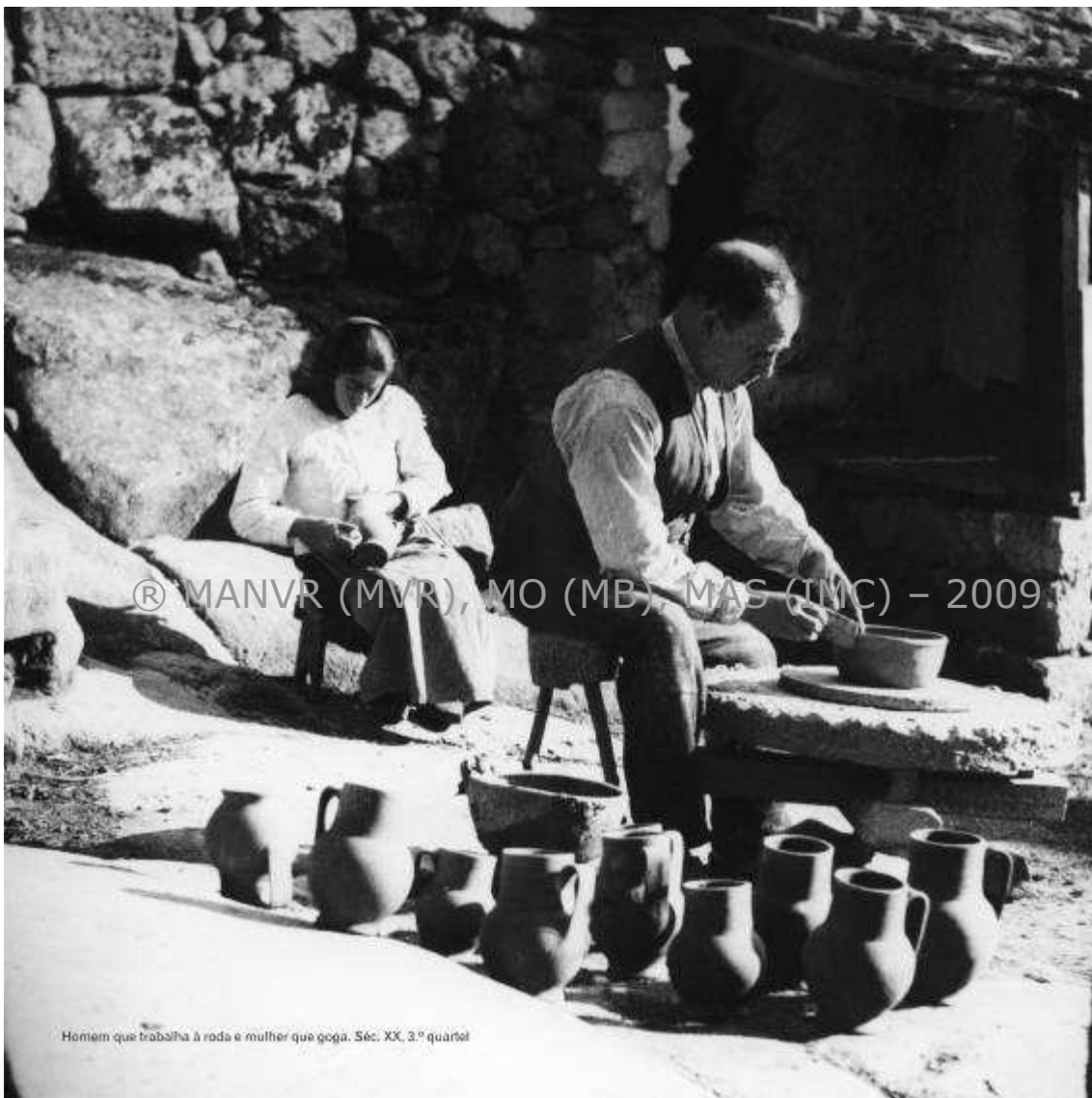
Imanados na Arte. Sec. XIX, 3.º quadro

HOMENS E MULHERES COMUNGAM NA MESMA ARTE

As olarias existentes nesta área correspondiam a pequenas unidades familiares de produção em que toda a família se encontrava envolvida.

Existia uma clara divisão de tarefas entre homens e mulheres. Ao homem competia as tarefas mais nobres – o trabalho na roda baixa e o enfiar da loiça; a mulher, e aos filhos menores, rapazes e raparigas, as tarefas mais pesadas e menos valorizadas – a preparação do barro; ir buscar água; gogar e desenhar a loiça; apanhar nos montes a carqueja necessária à sua cozedura e ir vendê-la.

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (TMC) – 2009

Homem que trabalha à roda e mulher que goça. Séc. XX, 3.º quartel

EXTRACÇÃO DO BARRO

® MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Hoje, o barro vem de Vilar de Nantes mas antigamente provinha das barreiras de Parada de Cunhos. Os oleiros compravam o barro a fornecedores locais, os «barreiristas», a quem competia arrancá-lo, sendo transportado para a oficina em carro de bois.

O barro era extraído de barreiras de profundidade, na Primavera ou no Verão, abrindo-se buracos no solo e afundando-se até se encontrar as melhores veias. Era um trabalho colectivo: uns arrancavam o barro, outros traziam-no para a superfície, outros faziam montes com o barro. Existiam três tipos de barro: o barro forte, o poente e o fraco.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

PREPARAÇÃO DO BARRO

Chegado à oficina o barro é estendido no exterior, ao sol, para que seque. Depois de seco é guardado dentro da oficina. Quando precisam de barro os oleiros colocam-no dentro de um pio – recipiente de pedra escavado, formando uma cova – na qual o barro é piado (esmagado) com o auxílio de um pico – espécie de grande martelo de madeira.

® MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

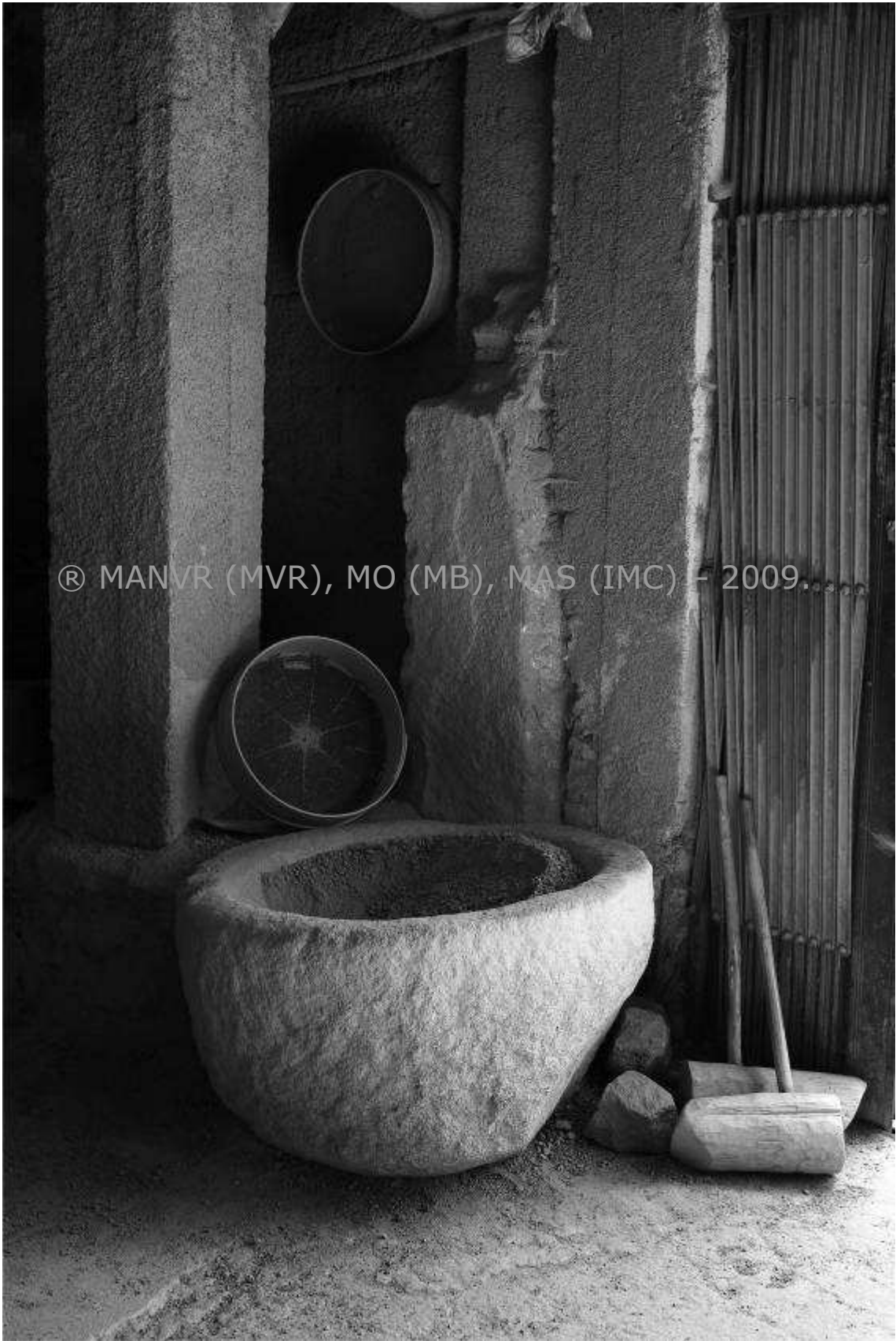
Depois de piado o barro é crivado ou peneirado com uma peneira, para dentro de uma gamela – espécie de masseira rectangular em pedra.

Peneirado o barro é de seguida misturado com água dentro da gamela e convenientemente amassado com as mãos, formando-se os beiros, ou seja, umas bolas de barro amassado. Com dois a quatro beiros forma-se a «pele» (no plural, péis), ou seja, grandes pedaços de barro que se armazenam a um canto da oficina.



® MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.





© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) - 2009.

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



O TRABALHO À RODA

® MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Utilizam a roda baixa a qual é similar à usada pelos oleiros de loiça preta de Gondar, Fazamões e Ribolhos. A única diferença é que no disco superior da roda de Bisalhães foram acrescentados, a toda a volta, uns entalhes – «agarras» ou «entalhas» – os quais permitem agarrar a roda com mais facilidade e pô-la em movimento giratório.

São singelos os utensílios usados no trabalho à roda: o «augueiro», vasilha de barro com água na qual o oleiro vai humedecendo as mão; os «fanadouros», pequenas talas feitas de madeira de vidoeiro, com vários formatos e com os quais levanta as peças na roda e lhes dá forma; um pano molhado, com o qual alisa a superfície das peças; e a «cega» – de uma corda de viola ou uma crina de cavalo –, à qual está preso um pedaço de pano em cada uma das extremidades e com a qual separa as peças da roda.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

im.milieu.org/2013/04/20/2013042001

A DECORAÇÃO DA LOIÇA

® MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Em Bisalhães há dois tipos de loiça: a «loiça churra», ou seja, a loiça utilitária que praticamente não é decorada – talhas, cântaros, alguidares, panelas – e a «loiça fina», ou seja loiça que de um modo geral tem funções mais decorativas do que utilitárias e que é decorada.

O homem só costuma gogar liso, isto é, brune as peças mas sem as decorar. É pois à mulher que compete a sua decoração depois de estas terem sofrido uma meia seca, ou seja estarem quase secas. A esta operação chamam gogar a loiça. O gogo, para além de ser usado para gogar as peças, serve também para com ele desenharem sobre estas os belos motivos decorativos com que as ornam.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



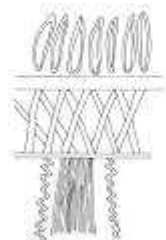
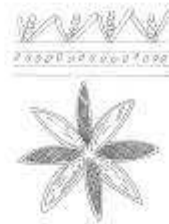
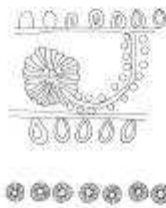
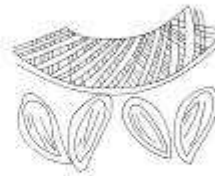
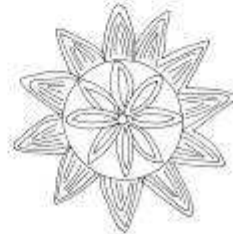
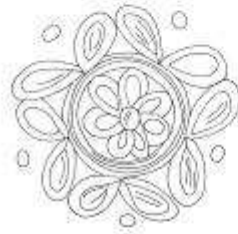
© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Adorinda Martins Sigre a gogar um tacho.
Oficina do oleiro Cesário da Rocha Martins. 2008

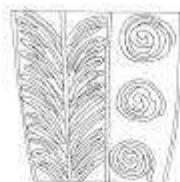
OS DESENHOS

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Os desenhos apostos nas peças são variados podendo encontrar-se numa mesma peça motivos diversos, a maior parte dos quais inseridos dentro de faixas que se sucedem: linhas em ziguezague, onduladas, espiraladas ou enlaçadas; triângulos; segmentos de recta paralelos, verticais ou oblíquos; espirais simples ou espirais formando «árvores»; reticulados, formando quadrado ou losango; motivos ovalados; flores, folhas, estrelas, espirais, plumas, ramos, pintas...



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.





© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

A COZEDURA DA LOIÇA

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

O forno de cozer a loiça que era utilizado em Bisalhães parece ser uma forma evolutiva da antiga soenga mas ainda não o forno de duas câmaras com grade, sendo caso único em solo nacional. De facto, forno comunal mais antigo da povoação usado há anos atrás pelos oleiros de Bisalhães, concretamente pelo oleiro Joaquim Mestre, não possuía uma grade fixa a fazer a separação entre a câmara de combustão e a de enforamento.

Hoje, os fornos que se encontram em uso já possuem uma grade (grelha de ferro) que separa a caldeira da câmara de enforamento, mas de resto todo o processo de cozedura é idêntico.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (TMC) – 2009.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Em plena cozedura. Inicia-se o abatar da loiça de modo a criar uma atmosfera redutora. Séc. XX. 3.º quartel

A IMPERMEABILIZAÇÃO DA LOIÇA

® MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Antes de se utilizar um alguidar ou talha destinados a usos alimentares, havia quem os impermeabilizasse aplicando um tratamento caseiro.

As peças usadas no lume ou no forno (por exemplo, o alguidar de forno) eram por vezes impermeabilizadas com água e farelo, enquanto aquelas que serviam para água (por exemplo as talhas ou panelas para água) viam as suas paredes internas impermeabilizadas com cera virgem ou enxofre derretidos.

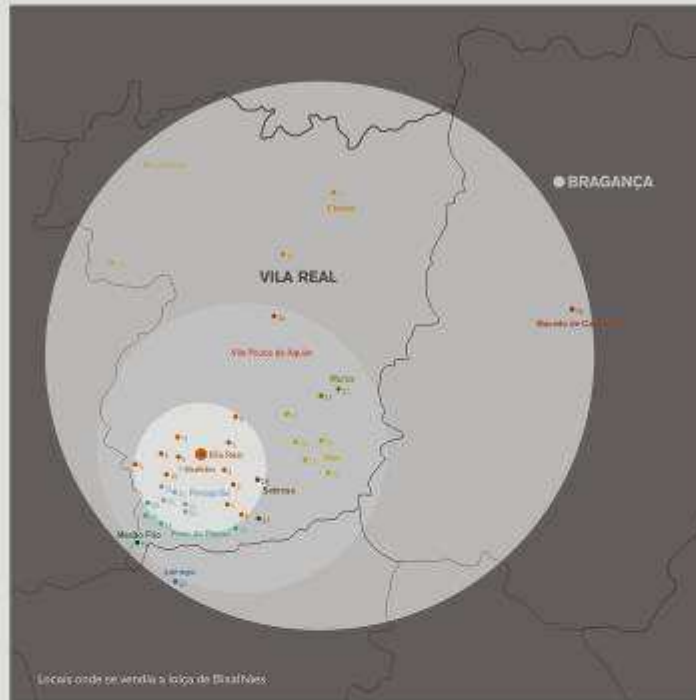


© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

ÁREA DE COMERCIALIZA- ÇÃO DA LOIÇA

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

No mapa pode verificar-se a vasta área de comercialização desta loiça, quer a que era vendida pelos próprios oleiros quer a que era vendida por intermediários.



® MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

- | | | | |
|-----------------------|-----------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Abóias | 12. Azeite | 23. Galafins | 34. Bomas de Aguiar |
| 2. Andriães | 13. Senteiro do Ouro | 24. Moura Moura | 35. Macedo de Cavaleiros |
| 3. Carvalhã | 14. Vila Chã | 25. Sedelice | 36. Lamego |
| 4. Carvalhães | 15. Vila Verde | 26. Vinhais | |
| 5. Góvilas | 16. Vila de Magalhães | 27. Souzinhos | |
| 6. Monções | 17. Chaves | 28. S. Martinho de Antas | |
| 7. Mouçõs | 18. Vidago | 29. Fontes | |
| 8. Pena | 19. Mesão Frio | 30. Fomelos | |
| 9. S. Tomé do Castelo | 20. Sarfo | 31. Louredo | |
| 10. Torquada | 21. Fiofioso | 32. Panegúlia | |
| 11. Vila Marim | 22. Murça | 33. Soveral | |

A VENDA DA LOIÇA

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Vendiam a loiça no mercado de Vila Real e ainda hoje a vendem na feira dos Pucarinhos que se realiza por altura do S. Pedro, na cidade de Vila Real.

Também costumavam ir vender a loiça pelos povos e vilas das redondezas. Os homens descalços, com «os painéis às costas», metidos dentro de sacos de linhagem e acamados com fetos, as mulheres, também descalças, com ela à cabeça, metida dentro de cestos e também acamada com fetos.

Mais tarde, passaram a despachar a loiça por comboio.

O que não tinha saída nas feiras iam as mulheres dos oleiros vender porta a porta pelos povos, em grupos de duas ou três, de um modo geral a troco por azeite, mel, batata, farinha, milho, feijão, fava ou castanha.

Com o correr dos anos os oleiros abandonaram a venda nas feiras e pelos povos e passaram a vender apenas na estrada, primeiro na estrada nacional e actualmente à entrada de Vila Real, nas lojas que lhes foram destinadas.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

A LOIÇA PRODUZIDA

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Tal como noutros centros oláricos também aqui se notava a sazonalidade da produção. Durante todo ano produziam louça de uso quotidiano – alguidares para o forno, pichorras, cafeteiras, cântaros e panelas –, mas havia também outro tipo de peças realizadas em maior quantidade em determinadas ocasiões do ano, como, por exemplo, durante a época da matança do porco.

Entre a loiça produzida por estes oleiros encontra-se:

- Loiça churra – loiça de cozinha, sem grandes decorações dado o fim a que se destinava.
- Loiça fina – peças polidas e profusamente decoradas.
- Lilás – miniaturas de loiça usadas como brinquedo de criança e que correspondiam às mesmas formas da loiça churra e da loiça fina, mas em tamanho reduzido.
- Pucarinhos de peito – miniaturas em tamanho muito reduzido, cerca de 1,5 cm de altura, que reproduzem as mesmas formas das peças grandes, vendidas por altura das festas de S. Pedro, e oferecidas à pessoa de quem se gosta.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) - 2009.

COMER EM LOIÇA DE BARRO DE BISALHÃES

© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Hoje, e desde há uma vintena de anos, a olaria de Bisalhães mantém-se na mão de velhos oleiros. Não vemos gente nova a querer dedicar-se à arte. É certo que novos horizontes se abrem para que o barro continue a ser usado na criação de peças, mas o caminho parece passar pela realização de figurado, procurando-se deste modo novos clientes para novos usos.

Se todos nós continuarmos a usar nas nossas cozinhas, em forno a gás, eléctrico ou em microondas, as vasilhas destes oleiros seguramente iremos contribuir para manter uma arte ancestral.

Um arroz de forno feito em alguidar de Bisalhães ou uma vitela assada só são «verdadeiramente» saborosos quando confeccionados em barro.

Compre um alguidar de forno e uma pingadeira de barro de Bisalhães, experimente a receita que os acompanha, e saboreie um prato com tradição feito em vasilha de barro. Vai ver que não se arrepende.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.

Копия предмета в possessione o custodia del Ministero
Culturae univ. esordiana in tutti i dipartimenti del Museo e
della Biblioteca di Roma e delle altre istituzioni che hanno
in loro possesso. Valore di ogni pezzo in lire 100.000.000.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) - 2009.

Covilhetes feitos em formas de barro

PERSPECTIVAS DA EXPOSIÇÃO





© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



OS DESENHOS

Os desenhos postos nas peças são variados podendo encontrar-se numa mesma peça motivos diversos, a maior parte dos quais inseridos dentro de faixas que se sucedem: retas em ziguezague, onduladas, espiraladas ou emleçadas; triângulos; segmentos de recta paralelos, verticais ou oblíquos; espirais simples ou espirais formando «arvores»; reticulados, formando quadrado ou losango; motivos ondulados; flores, folhas, estrelas, espirais, pinhas, ramos, pintas...



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.



© MANVR (MVR), MO (MB), MAS (IMC) – 2009.